

11341 12
P. 12

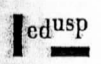
BERTA G. RIBEIRO

OS ÍNDIOS DAS ÁGUAS PRETAS

*Modo de produção
e equipamento produtivo*



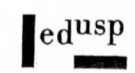
Reitor Flávio Fava de Moraes
Vice-reitora Myriam Krasilchik



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Presidente Sérgio Miceli Pessoa de Barros
Diretor Editorial Plínio Martins Filho
Editor-assistente Rodrigo Lacerda

Comissão Editorial Sérgio Miceli Pessoa de Barros (Presidente)
Davi Arrigucci Jr.
José Augusto Penteadó Aranha
Oswaldo Paulo Forattini
Tupã Gomes Corrêa



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1995 by Berta G. Ribeiro

Capa:
Ettore Bottini

Preparação:
Márcia Copola

Revisão:
Touché! Editorial
Carmen S. da Costa

Índice remissivo:
Maria Elizabeth Brêa
Caren Inoue

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ribeiro, Berta G.

Os índios das águas pretas : modo de produção e
equipamento produtivo / Berta G. Ribeiro. — São
Paulo : Companhia das Letras : Editora da Universidade de
São Paulo, 1995.

ISBN 85-7164-494-2 (Companhia das Letras)
ISBN 85-314-0322-7 (Edusp)

1. Índios da América do Sul — Brasil — Amazônia
— Rio Negro — Civilização I. Título.

95-4241

CDD-980.411

Índices para catálogo sistemático:

1. Índios : Rio Negro : Amazônia : Civilização
980.411
2. Rio Negro : Amazônia Índios : Civilização 980.411

1995

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Tupi, 522

01233-000 — São Paulo — SP

Telefone: (011) 826-1822

Fax: (011) 826-5523

*Para minha irmã e sobrinha,
Jenny e Renée,
com saudades.*

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	11
<i>Introdução: A área cultural do alto rio Negro</i>	17

Primeira parte *A VIDA SOCIAL*

1. <i>A estrutura social</i>	33
A linhagem desâna do rio Tiquié	33
Os <i>sibs</i> : subunidades de um ancestral fundador	36
Do Papuri ao Tiquié	38
A visão histórico-cosmogônica	42
O sistema de parentesco	47
Casamentos preferenciais	51
2. <i>O sistema de trocas</i>	55
Hierarquia e simbiose	55
A especialização artesanal	63
Os objetos-insígnia	71
Os desenhos do trançado	88
O mito desenhado	98

Segunda parte
A VIDA ECONÔMICA

3. <i>Horticultura desâna</i>	105
Queimadas e constelações	107
Os solos não agricultáveis	110
A roça	112
Cultivos masculinos e femininos	118
Apêndice 1: Espécies vegetais que identificam os diversos biótopos reconhecidos pelos Desâna do rio Tiquié ..	121
Apêndice 2: Cultivares de mandioca	125
Apêndice 3: Fruteiras comestíveis cultivadas e algumas silvestres identificadas pelos índios mediante iconografia em livros de botânica	127
4. <i>A mandioca</i>	134
A tecnologia alimentar	140
Implementos de trabalho	151
5. <i>Tecnologia da pesca</i>	166
Classificação dos peixes segundo os Desâna	167
Técnicas de pesca	174
Etnoictiologia desâna	182
Apêndice 1: Peixes do rio Tiquié identificados pelas fotos do <i>Catálogo de peixes comerciais do baixo rio Tocantins</i>	184
Apêndice 2: Peixes do rio Tiquié sem identificação científica	198
6. <i>Etnobotânica desâna: plantas artesanais</i>	203
Cipós	207
Enviras	211
Marantáceas e gramíneas	213
Palmeiras	215
Madeiras	218

Breu	222
Mordentes	223
Pigmentos	225
Co-ingredientes vegetais para a confecção e ornamentação da cerâmica	227
Miscelânea	229
<i>Posfácio: O sabor do saber indígena</i>	233
<i>Glossário de termos regionais amazônicos</i>	239
<i>Notas</i>	245
<i>Bibliografia citada</i>	253
<i>Lista das ilustrações</i>	261
<i>Índice remissivo</i>	263

TECNOLOGIA DA PESCA

A integração roça-caça observada por Darrell Posey (1986:175) entre os Kayapó repete-se na interação mata ciliar-pesca no rio Negro e seus afluentes. À semelhança da caça, que se alimenta dos brotos tenros que renascem depois de derrubada a mata para o cultivo, e mesmo dos produtos da roça e das capoeiras; o peixe se nutre, nos rios de águas pretas, basicamente, dos alimentos que a floresta ciliar lhe fornece: larvas de insetos e os próprios invertebrados, frutos, flores, folhas verdes, folhas e paus podres, bactérias, fungos e outros microrganismos.

Além de elementos terrestre-arbóreos, a dieta dos peixes das águas pretas inclui crustáceos, algas e outras plantas herbáceo-aquáticas, estágios juvenis de insetos e de peixes e detritos de toda ordem (Goulding et alii, 1988:85).

Referindo-se à estratégia preservacionista dos índios das águas pretas que, sabiamente, conservam a mata de beira-rio, escreve Chernela: "Estão conscientes do papel crucial desempenhado pela floresta ciliar na provisão de fontes alimentares que sustentam a população pesqueira. Enquanto os cientistas apenas recentemente reconheceram a importância da mata adjacente para a subsistência dos peixes, os Wanâna jamais permitiram sua derrubada, para evitar justamente o declínio da fauna pesqueira" (1986:241).

Caberia acrescentar, como reforço ao argumento de Chernela, que parte da orla fluvial dos rios de águas pretas é constituída de igapós, isto é, suas margens são periodicamente inundadas e não se prestam ao cultivo. Em compensação, são estes

justamente os locais mais piscosos, porque neles se concentram os alimentos que a mata oferece aos peixes.

Um segundo argumento conservacionista evocado por Chernela em relação aos índios arapaso, do médio Uaupés, parece não se verificar no caso dos Desâna do médio Tiquié. Ou seja, a exploração apenas de 38% das frentes de rio disponíveis, ficando os 62% restantes sujeitos a tabus preservacionistas. Tais seriam os dezessete dos 29 tributários do Uaupés e todas as ilhas, com exceção de uma única (Chernela, 1986:52), tidas como áreas de piracema do aracu (*Leporinus* sp.). O mesmo ocorreria com algumas áreas de cabeceiras de igarapés.

As práticas conservacionistas dos Desâna da aldeia de São João, com uma população de 75 pessoas, restringem-se a capturar o peixe apenas para o próprio consumo e não para a venda. A área fluvial do médio rio Tiquié que cabe a essa aldeia — três voltas a jusante, na direção do povoado de Santo Antônio, e oito voltas a montante, na direção da Missão Salesiana Pari-Cachoeira — não é totalmente explorada por haver disponibilidade de fauna ictífica mais próximo à aldeia.

CLASSIFICAÇÃO DOS PEIXES SEGUNDO OS DESÂNA

À semelhança do que ocorre em toda a Amazônia, existe maior abundância de peixe por ocasião das vazantes. Durante as enchentes, quando a fauna aquática se espraia pelo igapó e se formam os paranás que o cortam, é mais difícil capturá-la.

Duas modalidades principais de pesca na região do médio rio Tiquié estão associadas à cheia (ou inverno) e à seca (ou verão). As pescarias de "verão" ocorrem quando do término das safras de certas frutas, tais como o ingá, no fim de janeiro, e a pupunha, em meados de março, quando deixa de chover até cerca de quinze dias.* Ocorre então a pesca com timbó, planta das famílias Leguminosae e Sapindaceae que intoxica os peixes, os quais vêm

(*) Ver no apêndice 1 a identificação científica dos peixes mencionados no texto.

à tona para respirar e são apanhados com puças e peneiras. As tinguíjadas se fazem cercando curvas de rios, igarapés e lagos com barragens (paris em língua geral), quando as águas estão no nível mais baixo.

A segunda modalidade de pesca é exercitada no “inverno”, quando se pratica a chamada pescaria de daguirus. É o termo em língua geral, o tupi difundido pelos jesuítas no Amazonas, para designar a técnica de pescar com isca de daracubi (*bahparo* [t.] e [d.]), uma minhoca que quando há enchente sobe pelas árvores e se aloja nas orquídeas. Ambas as modalidades têm nome em desâna e tukâno. A primeira, referente às tinguíjadas, chama-se *pua-basé* [t.], *puabáli* [d.]. A segunda designa com o termo *akíno* [t.] e [d.] o coletivo dos peixes que, em língua geral, são chamados daguirus. Trata-se de várias espécies que se podem pescar à noite, nos igapós, com tocha ou lanterna e isca de minhoca: a daracubi.

Isso nos leva a outra categoria classificatória utilizada pelos Desâna para identificar a fauna ictiológica de seu território fluvial: a de peixes noturnos e peixes diurnos, critério também aplicado à fauna terrestre e avícola. São peixes noturnos, que comem a minhoca daracubi, ou seja, peixes daguirus e *akíno* ([t.] e [d.]), os seguintes: surubim, traíra, acará, mandi, cuiú-cuiú.¹ Também comem essa minhoca, sem ser noturnos, os peixes aracu e pacu. Traíra, surubim, mandi e cuiú-cuiú comem de noite e de dia.

Uma segunda classificação dos peixes discernida pelos Desâna é a que diz respeito à sua dieta alimentar. Existem peixes ictiófagos, como o aracu, que comem os de menor tamanho, e a traíra, que come também estes e os de sua própria espécie. Os daguirus, de modo geral, comem carne de outros peixes e também camarões, aranhas, minhocas, gafanhotos e todo tipo de inseto que cai na água.

O acará-grande e o *go'ngoamañ* [d.] não comem folha verde e sim folha podre que se acumula nos igapós e nos lagos. Há peixes que comem a erva caruru (*Mourera fluviatillis*), planta que cresce nas pedras de cachoeiras da qual se extraía antigamente o sal, chamada por isso *ehtamoá* (pedra, sal) em tukâno e desâna. Comem caruru somente o pacu e o aracu. O pacu grande tem seu habitat nos vãos da cachoeira. Não come carne de outro peixe.

Os peixes frugívoros, como o aracu, comem frutos, sementes e caroços de árvores de terra firme e principalmente de árvores do igapó. Os frutos mais comuns também utilizados como isca estão relacionados na tabela 2. A isca da palmeira *Astrocaryum jauary* é a preferida e é nos jauarizais espalhados ao longo dos igapós que se encontra o maior número de habitats de peixes.

Importante distinção classificatória dos peixes é a que diz respeito à sua reprodução. O critério utilizado é dar ênfase à concentração ou dispersão da postura dos ovos. Peixes que desovam em migração são classificados no grupo *tanini* ([d.] e [t.]), que significa: piracema. Os que põem ovos sem migrar, isto é, os peixes moradores do trecho do rio Tiquié explorado pelos índios Desâna de São João, são reunidos sob a designação genérica de *diu numu'ngi* [d.], *diá'më konsé* [t.], que poderia ser traduzido por: ovo encarreirado. Pertencem a essa categoria os tucunarés, acarás, jacundás e outros. Um terceiro grupo, de que faz parte a traíra, é chamado *diupiri* [d.], *diá kunsé* [t.], que significa: ovo deixado. Trata-se de peixes que desovam em locais escondidos, debaixo de grandes raízes de árvores.

Uma quarta categoria de peixe distingue-se pelo habitat em que está radicado: lago, rio e igarapé. Os peixes radicados em lago são endógenos, não migram. Pacu, por exemplo, ocorre tanto no rio como na cachoeira ou nos lagos, segundo as espécies. Tucunaré, acará, piabinha e jacundá dão principalmente em lagos: são peixes “moradores” não migrantes. Os aracus, dependendo das espécies, habitam nichos distintos, embora sejam migrantes, isto é, fazem piracema. Três espécies classificadas pelos Desâna, medindo 10 a 15 cm de comprimento, vivem no fundo dos rios, não vão aos igapós, e duas delas, uma das quais só se encontra no alto Tiquié, na Colômbia, vivem nos igapós. As três primeiras denominam-se em desâna *boleka ñahkin tulúm* (aracu, miçanga redonda), *boleka ñehkó* (racu, avô), *boleka koña'sálum* (aracu, choro maracá); as duas últimas são chamadas *yuhkë boleka* (árvore, aracu), *yuhkë wai* (árvore, peixe). A espécie “árvore, aracu” só é encontrada no alto Tiquié.

Reconhece-se também uma distinção entre peixe que pula e o que apenas nada. O maior dentre os que pulam é o tucunaré,

além do pirapucu e do matrinxã. O nome genérico dessa categoria de peixes puladores é *bulirá* [d.], *bupurá* [t.].

Os peixes são diferenciados, ainda, segundo o nível da água na qual trafegam, reconhecendo-se os que nadam no fundo, no meio ou mais na superfície. Ou então, em dois desses níveis, num deles de dia e em outro à noite. Transitam pelo fundo do rio araias, pirafbas, surubins, cuiú-cuiús e aracus. No meio da água nadam os mandubés, as pirandiras, os pacus, as piranhas e os matrinxãs. Na superfície da água nadam os peixes como *wai buhuru* [d.], o *kurubisa* [t.], o *emovi* [d.] ou *umuvi* [t.] e outros.*

É bastante elaborada a nomenclatura de acidentes geográficos do sistema aquático discernida pelos grupos de língua tukâno, como se pode ver pela seguinte relação em desâna e tukâno:

1. cabeceira de rio: *dihpá* [d.], *po'té* [t.];
2. rio: *diá* [d.], *di'á* [t.];
3. desembocadura do rio: *piró* [d.], *pi'tó* [t.];
4. igarapé: *ma'ân* [d.], *ma* [t.];
5. rio de tamanho médio: *kaburi* [d.], *kabusé* [t.];
6. a) paraná ou furo: braço de rio que corta uma volta unindo dois trechos do mesmo em linha reta: *iu'ri* [d.], *iuhti* [t.], também chamado *seté táli wererá* [d.], *weté iritá nikalo* [t.]; b) paraná de enchente de igapó, formado quando o rio está cheio, é também chamado *iu'ri* [d.], *iuhti* [t.];
7. lago: *dihtaru* [d.], *dihtara* [t.] (mesma designação para água parada);
8. enseada ou baía: *ka'ë* [d.], *kó* [t.]; ou, ainda, *beró* [d.], *betó* [t.];
9. chavascal, manguezal ou alagado, tais como o arumãzal, açaital, buritizal: *talá* [d.], *tahtá* [t.];
10. beira-rio: *diá t'éló* [d.], *diá sumuté* [t.] (rio, beira);
11. correnteza: *dëhkotu'rali inlé* [d.], *ahkoto teáli ihilé* [t.] (a terra se estreita represando a água);
12. água movimentada: *dëhko tuluali* [d.] (água, força);

(*) Os apêndices 1 e 2 explicitam as características referidas numa amostragem de 109 peixes.

13. "ponta" ou espigão de pedra que avança sobre o rio; pode ser também um promontório de terra com árvores: *ño'ro* [d.] e [t.];

14. praia de areia: *emiporó* [d.], *muhkum'poró* [t.];

15. ilha: *nëngë'ngó* [d.], *nënkën'gó* [t.];

16. estirão ou reta à beira-rio: *iabu* [d.], *kusá* [t.];

17. igapó: parte da beira do rio que fica alagada durante as enchentes. Mesmo quando seco é denominado igapó. Distingue-se da beira-rio pela natureza da flora, tamanho e espécies de árvores: *diá-dëhko'é* [d.], *diá kwé* [t.].

A importância do igapó para a pesca pode ser avaliada pela precisão com que sua presença é mapeada no rio Tiquié. A partir do baixo Tiquié, ou seja, da desembocadura desse rio no Uaupés, encontram-se igapós nos seguintes locais: da Missão Salesiana até a cachoeira Tucano existe igapó; desse local até a aldeia Cunuri a terra firme chega até as margens do rio; volta a existir igapó de Cunuri até a localidade de Barreira; a terra firme intercala-se entre Barreira e a povoação de São José; a partir de São João, aldeia do Tolamã Kenhíri, meu colaborador desâna; uma volta acima e outra abaixo não há igapó; daí por diante, subindo o rio, ele se estende até o igarapé Umari; a partir desse igarapé até a cachoeira de Caruru, isto é, passando a Missão Salesiana Pari-Cachoeira, a terra firme prolonga-se até a orla do rio; volta a existir igapó a partir da cachoeira de Caruru até abaixo do povoado de São Pedro; dá-se nova interrupção, voltando a dominar a terra firme até a fronteira com a Colômbia; o igapó faz-se presente novamente no território colombiano, avança de 50 a 300 m da margem do rio terra adentro; registra-se a presença de igapós também em trechos de percurso dos igarapés.

Ocorrem dentro dos igapós morros nos quais os animais se refugiam. São chamados *minini ioró* [d.], *minisé bupá* [t.]. Antigamente encontravam-se porcos-do-mato, caíditus e veados nesses morros; hoje, apenas pacas, cutias e tatus.

Existe também uma nomenclatura dos ventos, embora, aparentemente, na concepção dos Desâna, não tenham qualquer relação com o sistema aquático. *Baliseró tearó* [d.], *simioni tearó* [t.] é o nome de um vento forte com nuvens pretas mas que traz pouca

chuva. O nome deriva de “flauta sagrada espantando”, como a que espantava antigamente as mulheres. Alegoricamente, o vento espanta a chuva. Outro vento é chamado *wahtín bota mirió* [d.], *wahtín boletoró* [t.], que significa o gênio da floresta *wahtín* que, não encontrando o caminho de volta à mata, faz o dia escurecer. Quando ocorre esse vento, o céu escurece, chove pouco e passa logo. Ventania com trovão chama-se “chuva dos *Diloã*”. Segundo o mito, eles soltaram trovões para destruir a maloca dos *Koá yeá* (cabaças, pajés) (cf. Kumu & Kenhíri, 1980:188).

Finalmente, há uma ventania de verão que ocorre por volta das sete horas da noite e passa logo: chama-se *bohori koré* [d.], *këma dihporo* [t.], que pode ser traduzido por: verão, antes. Um único termo designa verão e seca (*bohóli* [d.], *këma* [t.]) e uma só designação, *puibë* [d.], *poekë* [t.], significando: água grande, é atribuída a inverno e enchente.

As piracemas estão associadas ao desaparecimento no horizonte de certas constelações, identificadas pelos Desâna, as quais são acompanhadas de chuvas que recebem os mesmos nomes. A partir de novembro, quando se observa no poente a constelação *aña poleró beró* [d.] (jararaca, rabo, redondo), provavelmente a cauda do Escorpião² (fig. 45), ocorre a primeira piracema de aracus, mandis, pacus, surubins. Pela observação sabe-se onde os peixes fazem piracema. Os Desâna acreditam que eles não mudam de lugar desde a aurora dos tempos. O local é identificado pela presença de árvores ou arbustos em grande quantidade formando um ambiente fechado à beira-rio, já na entrada do igapó. Esse local chama-se *wahá'pulu* [d.] (*wahá* = nome do arbusto, *pulu* = cerrado).

O local de piracema no igapó tem as mesmas características, diferindo, contudo, as espécies arborícolas. Elas apresentam grandes raízes que se projetam para fora do solo, sendo chamadas, em desâna, *gahsiri wi'iu sari*, que pode ser traduzido por: casca, paricá, raízes. O nicho onde elas ocorrem, em cujo interior, já no igapó, os peixes pulam ao desovar, chama-se *tuni iuri* [d.], *tuni iuhti* [t.] (piracema, correnteza ou paraná).

Uma espécie de aracu chamado *boleka nihtin ierikë* [d.] faz piracema no igapó do rio e também no igapó do igarapé. Junto

com ele desova, em novembro-dezembro, o pacu (*u'hu* [d.] e [t.]). Mas este põe ovos próximo a certas ilhas quando desaparece a citada constelação e surge a *pamo ngoá dëhká* [d.] (fêmur, osso, pedaço), a *ñahsin kamë* [d.] (camarão) e as três constelações da onça, todas em abril. Estas últimas são chamadas, em desâna, *yé disiká poaló* (onça, queixo, barba), provavelmente parte da Ursa Maior, *yé dëhpë puiró* (onça, corpo, enchente) e *yé poleró beró* (onça, rabo, redondo) (fig. 1).

A passagem de cardumes, não em desova, é identificada pela época do ano em que migram segundo o calendário das constelações. E também porque se observa maior turbulência na água. Em julho, quando reaparece a constelação *ñekan turu* (estrela, pedaço), provavelmente a constelação do Cisne, que surge pela primeira vez em maio, começam a subir o rio peixinhos minúsculos, chamados em língua geral pirá mirim (*imika* [d.], *se'á* [t.]). Também nessa época, sobem cardumes de peixes maiores, como o surubim e o pacu, não em desova.

Os aracus, pacus, *go'ngoamã*n, matrinxãs, mandubés, mandis fazem mais de uma piracema, quer dizer, não soltam todos os ovos de uma só vez. Essas piracemas começam em janeiro, quando aparece a constelação *pamo ngoá dëhká* [d.] (tatu, osso, pedaço), e terminam em abril, quando desaparece a constelação: onça, rabo, redondo.

No território fluvial de cada aldeia existem locais de desova conhecidos e vigiados pelos habitantes. O aracu *wai ierimã* [d.] desova primeiro perto da aldeia de São João e, em seguida, junto à Missão Pari-Cachoeira durante a última constelação da onça: *yé poleró beró* [d.] (onça, rabo, redondo). Em três voltas do rio acima de São João, em direção à povoação de Bela Vista, existe um promontório onde faz piracema o pacu. E numa ilha próxima à comunidade São Paulo, acima da sede de Pari-Cachoeira, existe outro local onde esse peixe desova, chamado por isso *u'hu tuninó* [d.] (pacu, piracema).

A técnica de captura de peixe varia segundo o nicho do sistema hídrico e a época do ano em que é efetuada. A pesca na beira do rio é feita à noite com facho, lanterna, puçá, jereré e azagaia e, a partir de 1979, com malhadeiras, então introduzidas à maneira de arrastão. Pescam-se os peixes que dormem junto à praia. Entre outros, arraia, pacu, cuiú-cuiú, piranha, matrinxã, pirandira, piaba e mandi.

No local onde existem pontas ou promontórios de pedra ou terra estende-se o espinhel. São locais que o peixe tem de contornar para vencer as curvas da subida do rio ou do igarapé. Pelo mesmo motivo, coloca-se o cacuri nesses promontórios, com o objetivo de capturar o peixe que sobe o rio contra a correnteza. O cacuri é um enorme cesto triangular com uma fenda na parte central que dá passagem ao peixe para o curral onde é capturado (fig. 47).

O jequi ou matapi com funil interno (*alubo* [d.], *bëhkawë* [t.]) (fig. 49) é colocado entre as pedras da cachoeira e também nos locais do igarapé onde o peixe desova. É preciso que haja água movimentada para que as armadilhas cumpram sua função. Nos lagos não se colocam armadilhas. Aí se pesca com anzol e isca, com arco e flecha e por meio de tinguijadas.

Existem cinco lagos no território fluvial de São João, isto é, no trecho do médio Tiquié pertencente a essa aldeia. Além dos lagos, existem dois igarapés grandes e cinco pequenos. Os grandes chamam-se Cucura e Cabari. Os pequenos são Açaí, Buraco da Traíra, Boto (o que atravessa a aldeia de São João), Jatobá e Grude. Neles existem peixinhos que só se consegue pescar com timbó. Em terra firme, no meio da mata, não existem lagos. Os do rio Tiquié, cercados de igapós, não se prestam à agricultura. Por isso não se estabeleceram comunidades junto aos lagos e sim nas margens do rio e dos igarapés. Acampa-se perto dos lagos, no verão, quando estão bem secos, para pescar.

Só se coloca isca — e somente a fruta da palmeira jauari — dentro das armadilhas cacuri e matapi com funil interno (jequi). A armadilha *eminó* [d.] e [t.] (fig. 48) é colocada sempre com isca à beira-rio, na margem dos igapós, paranás, onde haja correnteza.

Mas só é usada no tempo dos pirás mirins, quando o rio Tiquié está cheio, em junho, com isca de cupim ou formiga torrada, que esses peixinhos comem.

O caiá (*ge'a* [d.], *ewá* [t.]) (fig. 50) — a grande armadilha permanente colocada junto às cachoeiras — espera o peixe que vem descendo o rio e que tem de nadar pelos desvãos de água menos agitada das cachoeiras. Espera também o peixe que sobe o rio, o qual, para atravessar esses vãos, tem de vencer o obstáculo anteposto pelas esteiras e paus que compõem o caiá. Com isso, o peixe dá a volta e pula, caindo sobre as esteiras da armadilha. O caiá e o cacuri, ao que tudo indica, devem ter sido inventados pelos índios das águas pretas. Junto à cachoeira de Camanaus, em São Gabriel da Cachoeira, foi armado um caiá, certamente por descendentes de índios Tukâno ou Baré que aí vivem.

O matapi afunilado e de boca expandida (*tëli* [d.], *kasawë* [t.]) (fig. 52), que também parece ocorrer apenas nessa região, é colocado sem isca, sempre no igapó, quando o seu alagamento atinge certo nível. O local onde se coloca o *tëli* chama-se *tëlikali* [d.] e *kasakali* [t.] e é transmitido por herança de pai a filho. Tolamã Kenhíri herdou dois deles: o primeiro, duas voltas acima de São João, em direção a Bela Vista, e o segundo, uma volta abaixo de São João, na direção de Santo Antônio. Estabeleceu dois outros, observando os paranás onde dava mais peixe. Esse tipo de matapi é cercado de uma barragem de folhas para que o peixe se direcione para a abertura do funil que o aprisiona. O *tëlikali* [d.] é inspecionado duas vezes ao dia na época da cheia. Ninguém retira o peixe da armadilha de outrem. Colocam-se muitas vezes seis a oito matapis num paraná do igapó até fechá-lo. No verão, quando a água desce de nível, só se coloca essa armadilha — uma só — no meio dos tocos de beira-rio, onde haja árvores podres.

As malhadeiras foram introduzidas no rio Tiquié em 1979. Elas não têm nomes, a exemplo da terminologia cabocla que as denominam segundo os peixes que capturam: jaraquizeira, mandubezeira etc. São distinguidas pela abertura das malhas: de um, dois, três e quatro dedos. A malhadeira de um dedo — colocada em posição vertical junto ao igapó, à beira-rio ou em um igarapé,

de preferência onde haja um jauarizal — captura piabinhas (*amani selipi iuhkë* [d.]) e outros peixinhos miúdos (*wahpá*, *go'ngamã* etc.) (fig. 53). Esses peixinhos são comidos na época das águas e usados como isca nas curtíssimas estiagens.

A malhadeira com malhas de dois dedos pega peixinhos do tamanho do cuiú-cuiú e outros. A de três dedos é usada para capturar pirarucus, jaraquis, aracus pequenos ou de tamanho médio. A malhadeira de quatro a cinco dedos de abertura das malhas é empregada para pegar aracus maiores e também para pacus pequenos (a cabeça é que fica presa entre as malhas), mandubés etc. A malhadeira tem que ter uma altura adequada para atingir os peixes que nadam nos três níveis da água: no fundo, no meio e junto à superfície. A malhadeira de oito dedos é fabricada pelos pescadores índios para pegar pacus grandes, piranhas grandes e às vezes surubins.

Na piracema do aracu *boleka ñihtin manikë* [d.], que ocorre em abril, anunciada pela chuva que coincide com o aparecimento da constelação *yé disiká poaló* [d.] (onça, queixo, barba), os índios que vivem junto à Missão Salesiana de Pari-Cachoeira estendem malhadeiras de até 30 m por 3,5 m de altura que, num movimento de arrastão, chegam a capturar trezentos aracus (fig. 54). Apesar disso, eles retornam no ano seguinte. Isso porque os alevinos são arrastados pela correnteza e se espalham pelos rios Tiquié, Uaupés e Negro, o que se comprova pelo fato de nunca haver sido pescado um aracu de menos de 30 cm nas águas do rio Tiquié. Ele só retorna a esse rio adulto.

A pesca com caniço e anzol continua em voga, apesar do uso generalizado da malhadeira, praticada intensamente de acordo com as condições hídricas. A isca mais importante é a minhoca *daracubi* dos igapós. Igualmente importante como isca é a minhoca chamada *diá hoa'mã* [d.], *diá ahua* [t.]. Uma terceira espécie de minhoca utilizada como isca de peixe é a que vegeta ao lado das casas, nas aldeias: *iesé diá huá* [d.] e [t.] (porco, minhoca, isca).

Os frutos mais comumente usados como isca de peixe são os citados na tabela 2. Para atrair aracu, jacundá, traíra, *nimatë*, *dih-puritëro*, a isca mais adequada é o camarão. Grilos e gafanhotos (*i'ru* [d.] e [t.]) atraem o pacu e o matrinxã. A isca mais apropriada para atrair piaba é a maniudara, uma espécie de cupim, e também a larva da caba (*uhti* [d.], *uhti'á* [t.]). Essas iscas são colocadas na ponta do anzol.

Peixes maiores, como *tucunaré*, *bicuda*, *surubim*, *wewa*, são pegos com isca de peixinho *go'ngoamã* [d.], *ohkona* [t.], que tem que ser colocado no anzol de forma tal que continue vivo, do contrário o peixe não é atraído pela isca. A captura é feita com bóia, antigamente de madeira leve, *molongó* (*eleo buli* [d.], *e'o bu* [t.]) ou o pecólo do miriti, hoje com isopor colocado na outra ponta da linha. O pescador fica na canoa observando o movimento do isopor e levanta o anzol no momento em que sente que o peixe mordeu a isca (fig. 55).

Na opinião dos Desãna, nenhum dos implementos de pesca tradicionais caiu em desuso. Embora menos utilizados, depois da introdução das malhadeiras, permanecem como instrumentos alternativos para as quadras de penúria e para os índios que não podem comprar redes manufaturadas industrialmente (ver figs. 56 a 59). Ao contrário do que se supunha, a malhadeira não esgotou o estoque pesqueiro porque os alevinos passam por entre as malhas. Dano maior faziam as tinguijadas, tornadas menos frequentes, desde a introdução e a difusão das malhadeiras.

A pesca com qualquer desses implementos para ser frutífera tem que se basear no conhecimento que os índios têm da biologia dos peixes. Por exemplo: sabem que, quando o rio está cheio, os peixes noturnos penetram nos igarapés em busca de comida, retornando ao rio pela madrugada. Por isso, nessas ocasiões, as malhadeiras são estendidas na boca dos igarapés para capturar os peixes, principalmente mandubés, quando retornam ao leito do rio. No território fluvial de São João elas são colocadas na desembocadura dos igarapés Cabari e Cucura.

Em 1994, deve ter sido introduzido um experimento de criação do peixe tambaqui em território desãna. O igarapé Boto, que atravessa a aldeia de São João, será fechado para formar um lago.

TABELA 2: PLANTAS DE IGAPÓ: * ALIMENTO DE PEIXE

Denominação vernacular científica	Indígena	Uso: parte comestível da planta
Palmaceae jauari <i>Astrocaryum jauary</i>	<i>diá behtá</i> [t.] <i>diá weré</i> [d.] (rio, tucum)	O peixe come a carne e dispersa o caroço.
Rubiaceae jenipapo-de-igapó <i>Genipa cf. americana</i>	<i>diawé</i> [d.] <i>diakoná</i> [t.]	O fruto cai na água e é comido aos pedaços por pacu, aracu, matrinxã, acará.
Bignoniaceae ipê-amarelo <i>Tabebuia obscura</i>	<i>wahpó oli</i> [t.] <i>buhpu goli</i> [d.] (trovão, flor)	Peixes como pacu, aracu, piaba comem a flor do ipê que cresce em igapós de beira-rio e de igarapés.
Flacurtiaceae <i>Lactia suaveolens</i>	<i>wái biá</i> [t.] e [d.] (peixe, pimenta)	Quando amadurece, o fruto se abre e solta as sementes que os peixes (pacu, aracu, matrinxã e outros) comem e difundem.
Euphorbiaceae taquari <i>niitida</i>	<i>pahti dëhká</i> [t.] <i>pari dëhká</i> [d.]	O fruto espouca no galho da <i>Mabea</i> , árvore, solta a semente preta, que cai na água e bóia, sendo apanhada por aracu, pacu, matrinxã.
cunuri <i>Cunuria spruceana</i>	<i>nihtiá dieri dëhká</i> [t.] <i>nihtiá diride dëhká</i> [d.] (borboleta nihtiá)	Frutos parecidos aos da seringueira que os peixes frugívoros comem.
Voquisiaceae japurá <i>Erisma, japura</i>	<i>diabati</i> [t.] <i>diabali</i> [d.]	Peixes frugívoros comem as sementes.
Lacytidaceae <i>Eschweilera</i> sp.	<i>tohtó</i> [t.] <i>toló</i> [d.]	Comum em igapós de lagos e baías com concentrações de jauari. A semente libertada, quando aberta a cápsula do fruto, é comida por pacu, aracu, matrinxã e piranha.
Malpighiaceae murici <i>Byrsonima</i>	<i>muín</i> [t.] e [d.]	A frutinha vermelha do murici é usada como isca de aracu, pacu, matrinxã, mandi, pintado e outros peixes. Quando cai na água é comida por esses peixes.
seringueira (?)	<i>wahsó</i> [t.] <i>wahsun</i> [d.]	Aracu, piranha e matrinxã entram nos igarapés para comer a semente do fruto dessa espécie de seringueira que dá nas elevações dos igapós e em terra firme.

(*) Coletadas em São João e identificadas no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA).

O projeto é dos técnicos da Embrapa sediados em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas.

O peixe é a principal fonte de proteína animal consumida pelos índios do alto rio Negro. É também a proteína preferida e a que exige mais tempo e talento criativo por parte dos homens. Ela é complementada pela caça, obtida principalmente pelo intercâmbio entre os grupos de língua tukáno (ribeirinhos) e os grupos interfluviais, Makú, mais bem adaptados à floresta. Nos meses de agosto e setembro, larvas de borboletas e coleópteros, bem como insetos comestíveis, abastecem prioritariamente a dieta protéica dos índios (cf. Ribeiro & Kenhíri, 1987). Atualmente, o charque e as latas de sardinha passaram a figurar na culinária indígena, assim como, na qualidade de recurso extremo, a carne de galinhas criadas no quintal. Nenhuma delas deslocou o peixe, com o qual os índios do rio têm uma identificação ideológica muito significativa.

Os locais preferidos para a pesca são as áreas de igapó onde crescem, entre outras plantas, a palmeira jauari (*Astrocaryum jauary*). Os peixes aracu, pacu e matrinxã, entre outros, dormem no jauarizal, mesmo depois de terminada a safra do fruto dessa palmeira, que vai de abril a maio. Os peixes comem a carne e espalham a semente do jauari, cuja localização está assinalada no mapa fluvial da aldeia São João, desenhado por Tolamã Kenhíri. Outras árvores, de cujos frutos os peixes se alimentam e que também crescem no igapó, constam da tabela 2.

Com a queda do nível das águas, durante as curtas estiagens, como são os verões do ingá, da pupunha, da cucura e do umari (cf. Ribeiro & Kenhíri, 1987:28-9), os peixes se refugiam nas curvas do rio onde há maior correnteza e volume de água. Ou penetram à noite nos igarapés em busca de comida, como fazem alguns peixes noturnos, a exemplo do mandubé. Esses são outros locais, transmitidos de pais a filhos, nos quais se colocam armadilhas.

Havendo peixe, come-se três vezes ao dia, na forma de quinhapira (molho de pimenta com peixe miúdo), de mujeca (peixe engrossado com tapioca) e peixe moqueado, que eventualmente pode ser ensopado para render mais.

Um levantamento, efetuado durante 28 dias (entre 18 de dezembro de 1990 e 23 de janeiro de 1991), do produto trazido

pelos integrantes masculinos de um grupo doméstico constituído por três pescadores adultos e um menino de doze anos, revelou os seguintes montantes: peso total de 84,6 kg, representando 899 unidades de 52 espécies de peixes segundo a classificação desâna. De 27 espécies, não identificadas por nomenclatura científica por não constarem do catálogo ilustrado de peixes levado ao campo, são oferecidas algumas características no apêndice 2. O peso total de captura dividido por 28 dias dá uma média diária de 3 kg, ou 600 g por pescador. Essa média equivale à que Beckerman (1989 ms) encontrou em levantamentos comparativos de vários autores, em diferentes épocas e localidades. A coleta, totalizando 56 pescarias, representou uma média de três horas e meia de atividade diária de cada pescador efetuada em duas etapas: a primeira, de madrugada, com duração aproximada de duas horas, e a segunda, ao cair a noite, com duração de uma hora e meia (ver tabela 3).

TABELA 3: FREQUÊNCIA E IMPORTÂNCIA ECONÔMICA
DOS PEIXES CAPTURADOS EM 56 PESCARIAS

Denominação vernacular	Família	Número unidades
Aracus (várias espécies)	Anostomidae	19
Acarás, jacundás, tucunarés	Ciclidae	21
Uburanas e jaraquis	Curimatidae	13
Mandubés	Ageneiosidae	24
Uéua	Characidae	11
Piranha	Serrasalmididae	7
Sardinhas	Characidae	50
Não identificados:		
<i>Go'ngoamã</i>		72
<i>Wahpá</i> (parece piranha em miniatura)		20
	Total	237

A tabela 3 relaciona as principais espécies que compareceram no levantamento citado. Ela permite avaliar a ocorrência maior de determinados peixes no local e época citados. O principal implemento utilizado foi a malhadeira, sendo que os peixes

miúdos, como sardinhas, *go'ngoamã* e *wahpá*, foram pegos com isca de caba em anzol. O mandubé foi capturado quando o rio Tiquié estava cheio e esse peixe noturno ia alimentar-se no igarapé. Voltando ao leito do rio, foi atravancado pela malhadeira colocada na desembocadura do córrego.

Procedeu-se a uma única tinguijada, no período assinalado, na baía situada em frente à aldeia de São João. O nível da água era o mais baixo possível devido a uma estiagem de onze dias ocorrida durante o término da safra do ingá (*Ingá* sp.), ou seja, no “verão do ingá” (cf. Ribeiro & Kenhíri, 1987:28). Dessa pescaria participou também a aldeia de Santo Antônio e o produto não foi computado. Foi empregado timbó plantado na roça (*Tephrosia sinapu*), pisado com barro espalhado na baía.

Os Desâna acreditam que os *wái mahsá* [d.] e [t.] (peixe, gente), dos quais esses índios crêem descender, apoderaram-se da casa transformadora *wihum wi* (paricá, casa), onde vivia Ëmëkho mahsã Boleka (universo, peixe aracu), o herói civilizador e ancestral maior dos Desâna (cf. Kumu & Kenhíri, 1980: 85). Esse local, assinalado por Tolamã Kenhíri na viagem fluvial que fizemos de São Gabriel da Cachoeira até São João, sua aldeia, era um bom ponto de pesca. Por respeito aos *wái mahsá*, não se pescava aí antigamente.

Acreditava-se, também, que existe uma empatia que atrai o peixe ao pescador e a isca ao peixe. Inexistindo esse encantamento, não se pesca. A par disso, é preciso fazer uma invocação ou reza de encantamento para atrair o peixe. Ela é feita à mãe dos peixes *wái toa'tolé* [d.], *wái toa'të* [t.] (peixe, trocano). Ela dá de mamar aos peixes e cuida deles. À noite, levanta-se e bóia em cima da água. Se alguém a machuca, ela emite um choque elétrico como o poraquê. Ela rejeita as mulheres menstruadas. Castiga — mas não mata — o pescador que maltrata o peixe. A mãe dos peixes apresenta-se na forma de tronco ou galho de árvore que bóia na água, ou então como uma cobra de cerca de 4 m de comprimento.

O boto é um *wái mahsá* dos antigos, por isso não é morto nem comido pelos índios. Às vezes transforma-se em homem ou

mulher para atrair jovens do sexo oposto. Prevê o futuro, a doença ou o nascimento de uma criança.

A pesca é mais difícil quando vige a constelação da jararaca, ou seja, do Escorpião. Ela come todos os peixes.

Acreditam os Desâna que no recesso da mata existem árvores onde se alojam peixes. Um índio chegou a ver, depois de chuvas prolongadas e do inchamento dos igarapés, a eclosão de peixes saídos do tronco de árvores. Crêem, também, que o gavião-tesoura transforma-se em peixe em certa fase de sua evolução. Reciprocamente, peixes transmudam-se em aves.

Acredita-se, finalmente, que no igarapé Buraco do Traíra existe uma "comunidade" desses peixes, sendo por isso a pesca proibida. Isso ainda ocorre no baixo Tiquié e no Uaupés, onde é mais comum o peixe traíra, principalmente em lagos e igarapezinhos. A proibição de pescá-lo fez com que, antigamente, houvesse grande quantidade desse peixe. As penalidades a que estavam sujeitos os que transgredissem a regra era serem acometidos de doenças.

ETNOICTIOLOGIA DESÂNA

O apêndice 1 sumaria informações que elucidam os princípios nos quais se baseia a etnoictiologia desâna. Foram coletadas, no terceiro período de campo (1990-1), à vista do *Catálogo de peixes comerciais do baixo rio Tocantins* (Santos et alii, 1985), que reproduz fotos coloridas de peixes amazônicos. Esse inventário oferece não só uma amostragem das espécies ictílicas conhecidas pelos Desâna e das existentes no trecho do rio Tiquié que habitam, como seu descortino quanto à identificação, nomenclatura, análise da dieta, habitats e hábitos dos peixes.

O apêndice 2 contém os mesmos dados, porém sem identificação segundo a nomenclatura científica, por não constarem as 27 espécies arroladas do catálogo acima referido. Em conjunto, são descritas 109 espécies de peixes. Goulding, Carvalho e Ferreira (1988:8) coletaram 450 espécies no baixo rio Negro e discriminaram 68 tipos de alimentos de que se nutrem (1988:9).

Os Desâna acreditam que cada trecho de rio tem sua fauna ictífica própria. O aracu, *boleka nihtin manikë*, por exemplo, só dá num trecho do rio Tiquié, nunca foi visto no mercado de Manaus.

Além do profundo conhecimento de seu território fluvial, os índios têm consciência da limitação do ecossistema em que estão assentados, no que se refere à pobreza do solo e à escassez de fauna. A capacidade de carga da região é definida em termos de fertilidade do solo e os recursos protéicos animais rarefeitos. Em função disso, como já observaram Reichel-Dolmatoff (1976) em relação aos Desâna da Colômbia e Kaj Ärhem (1976) no tocante aos Makúna, também da família lingüística tukâno daquele país, esses grupos produzem o suficiente para a sua subsistência, mas não produzem excedentes para não exaurir o meio ambiente. Esse modo de produção está sedimentado numa ideologia da reciprocidade entre o humano e o animal segundo a qual, para que os humanos subsistam, é preciso deixar vingar as outras formas de vida.

Apêndice 1: Peixes do rio Tiquié
 identificados pelas fotos do
 "Catálogo de peixes comerciais do baixo rio Tocantins"

Denominação		Piracema	Caracterização dos peixes			
Vernacular/ científica	Indígena tukâno [t.] desâna [d.]		De rio [r.] igarapé [i.] lago [l.]; praia [p.] ilha [il.]; igapó [ig.]	Diurno [d.] Noturno [n.]	Regime alimentar	Habitat fundo [f.] meio [m.] superf. [s.]
Potamoptrygonidae						
1. Arraia <i>Potamotrygon</i> <i>motoro</i>	yái añá [t.] yé añá [d.] = onça, arraia	-	[p.]	[d.] e [n.]	-	[f.]
2. Arraia <i>Potamotrygon</i> <i>hystrix</i>	boré peañá [t.] bote puni añá [d.] = embaúba, arraia	-	[p.]	[d.] e [n.]	-	[f.]
3. Arraia <i>Disoëus thayeri</i>	abuli añá [t.] e [d.] =?, arraia	-	[p.]	[d.] e [n.]	-	[f.]
Electrophoridae						
4. Poraquê <i>Electrophorus</i> <i>electricus</i>	sa'á [t.] sá [d.] = dá choque	com traíra	[r.] e [i.]	[n.]	ictiófago	[s.]

Apterodontidae						
5. Ituí <i>Sternarchor-</i> <i>amphus mulleri</i>	poá pá [t.] poá moná [d.]	com mandi no igapó	[r.] [i.] e [l.]	[n.]	minhocas, principalmente a daracubi	[f.]
Sternopygidae						
6. Ituí <i>Sternopygus</i> <i>macrurus</i>	bêhka seró [t.] poá nahsin kamé [d.] = camarão	idem, idem	idem, idem	[n.]	idem, idem	[f.]
7. Ituí <i>Sternopygus</i> <i>obtusirostris</i>	tuñu poaló [t.] muñu poáli [d.] = bacarau, pena	idem, idem	idem, idem	?	idem, idem	[f.]
8. Ituí-terçado <i>Rhamphichthys</i> <i>namoratus</i>	so'ó [t.] e [d.] = nariz comprido	com aracu no rio	[r.], entra no igarapé para comer	[n.]	minhocas, principalmen- te a daracubi	[f.]
Engraulidae						
9. Maiacá <i>Lycengraulis</i> <i>batesii</i>	pinóh popiú [t.] e [d.] = cobra, brinco	com pirarucu	[r.]	[n.]	idem, idem	[f.]
Ctenoluciidae						
10. Bicuda <i>Boulengerella</i> <i>ocellata</i>	umúvi [t.] umóvi [d.] = japu, peixe	na boca do lago às 7 h da noite;	[r.]	[d.]	ictiófago carnívoro	[m.]

Denominação		Piracema	Caracterização dos peixes			
Vernacular/ científica	Indígena		De rio [r.]	Diurno [d.]	Regime alimentar	Habitat
	tukâno [t.] desâna [d.]		igarapé [i.] lago [l.]; praia [p.] ilha [il.]; igapó [ig.]	Noturno [n.]		fundo [f.] meio [m.] superf. [s.]
11. Bicuda <i>Boulengerella maculata</i>	<i>kurubiça</i> [t.] <i>wai buru</i> [d.] = peixe, sarabatana	à beira-rio pela manhã	[r.], [l.]	[d.]	ictiófago	[m.]
Erythrinidae						
12. Traíra <i>Hoplias malabaricus</i>	<i>doé</i> [t.] e [d.]	põe ovo sem migrar: morador	[l.], [i.]	[d.] e [n.]	ictiófago minhoca daracubi	[s.]
13. Jeju <i>Hoplerythrinus unitaeniatus</i>	<i>u'ñu</i> [t.] e [d.]	no igarapé, em cardume	[l.], [i.]	[d.]	minhoca daracubi	?
14. Jeju <i>Erythrinus</i> sp.	<i>u'ñu</i> [t.] e [d.]	idem, idem	idem, idem	[d.]	idem, idem	?
Curimatidae						
15. Ubarana <i>Anodus elongatus</i>	<i>ki'iwi</i> [t.] <i>ki'iwi mē</i> [d.] = mandioca, peixe	?	[r.], [l.]	[d.]	carnívoro frutívoro	[f.], peixe que pula

Hemiodidae						
16. Jatuarana <i>Argonectes scapularis</i>	<i>ki'iwi</i> [t.] <i>ki'iwi mē</i> [d.] = mandioca, peixe	?	idem, idem	[d.]	carnívoro frutívoro	[f.] peixe que pula
17. Jatuarana <i>Hemiodus unimaculatus</i>	idem, idem	?	idem, idem	[d.]	idem, idem	idem, idem
Anostomidae						
18. Aracu comum <i>Leporinus friderici</i>	<i>boté nihtin</i> <i>periti</i> [t.] <i>boleka nihtin</i> <i>ierikē</i> [d.]	no igapó às 4 h da tarde	[i.] grande	[d.]	onívoro: carne, daracubi, frutas	[f.]
19. Aracupinima <i>Leporinus affinis</i>	<i>boté iutē</i> [t.] e ou <i>ki kahseri</i> <i>wai ierimā</i> [d.]	no meio do rio	[i.] grande	[d.]	idem, idem	[f.]
20. Aracu- cabeça-gorda <i>Leporinus trifasciatus</i>	<i>wa má'wi</i> [t.] <i>má'wi</i> [d.]	no igapó do igarapé	[i.] (só dá no baixo Tiquié)	[d.]	idem, idem	[f.]
21. Aracu-piau <i>Laemolyta petiti</i>	<i>wasu'sām suām</i> [t.] <i>wai'u suanā</i> [d.] = queixo vermelho	?	[i.], [r.]	[d.]	idem, idem	[f.]

Denominação		Piracema	Caracterização dos peixes			
Vernacular/ científica	Índigena		De rio [r.]	Diurno [d.]	Regime	Habitat
	tukâno [t.]		igarapé [i.]	Noturno [n.]	alimentar	fundo [f.]
	desâna [d.]		lago [l.]; praia [p.]			meio [m.]
			ilha [il.]; igapó [ig.]			superf. [s.]
Serrasalminidae						
22. Piranha	<i>bë'ë</i> [t.]	põe ovos	[i.], [r.]	[n.]	carnívoro	[m.]
<i>Serrasalmus eigenmanni</i>	<i>mu'ñu</i> [d.]	num cipó no igarapé à beira-rio				
23. Pacu	<i>u'hu</i> [t.] e [d.]	desova em cardume no igapó do rio	[r.], [l.]	[d.]	carnívoro	[m.]
<i>Mylesinus schomburgki</i>						
24. Pacu	<i>masabári</i> [t.] e [d.]	?	[l.], [r.]	[d.]	carnívoro	[s.]
<i>Metynnis hypsauchen</i>						
25. Pacu-dente-seco	<i>u'hu</i> [t.]	desova em cardume no igapó do rio	[r.], [l.]	[d.]	carnívoro	[s.]
<i>Myleus pacu</i>	<i>bëhko'hu</i> [d.]					
26. Pacu-branco	<i>mohsân u'hu</i> [t.] e [d.] =	idem, idem	idem, idem	[d.]	carnívoro	[s.]
<i>Myleus cf. micans</i>	urucu, pacu					
27. Pacu-branco	<i>u'hu</i> [t.] e [d.]	idem, idem	idem, idem	[d.]	carnívoro	[s.]
<i>Myleus cf. torquatus</i>						

Characidae						
28. Uéua	<i>no'opi</i> [t.]	no jauarizal: boca do lago 7 h da noite	[l.], [r.]	[d.]	icitiófago	[s.] peixe que pula
<i>Acestrorhynchus falcirostris</i>	<i>wahsenó</i> [d.]					
29. Uéua	<i>mohsân para periti</i> [t.] <i>mohsá para ierikë</i> [d.] =	idem, idem	[i.]	[d.]	idem, idem	[s.]
<i>Acestrorhynchus falcatus</i>	urucu, pintinhas					
30. Uéua	<i>omo pikoni</i> [t.]	idem, idem	[i.]	[d.]	idem, idem	[s.]
<i>Acestrorhynchus microlepis</i>	<i>womo pinguni</i> [d.]					
31. Peixe-cachorro	<i>ihé'um</i> [t.]	no igapó do rio	[l.], [r.]	[d.]	idem, idem	[m.]
<i>Hidrolycus scomberoides</i>	<i>iehuá mân</i> [d.]					
32. Icanga	<i>iehé poári</i> [t.] e [d.] =	idem, idem	[r.]	[n.]	idem, idem	[m.]
<i>Rhaphiodon gibbus</i>	garça, penas					
33. Sardinha	<i>waiti poaná</i> [t.]	no meio do rio com aracu <i>nihtin manikë</i> [d.]	[r.]	[d.]	minhoca, daracubi, insetos, larvas cabas	[s.]
<i>Triportheus albus</i>	<i>wai kolé poaná</i> [d.]					
34. Sardinha-comprida	<i>wirári</i> [t.] e [d.]	idem, idem	[r.]	[d.]	idem, idem	[s.]
<i>Triportheus elongatus</i>						

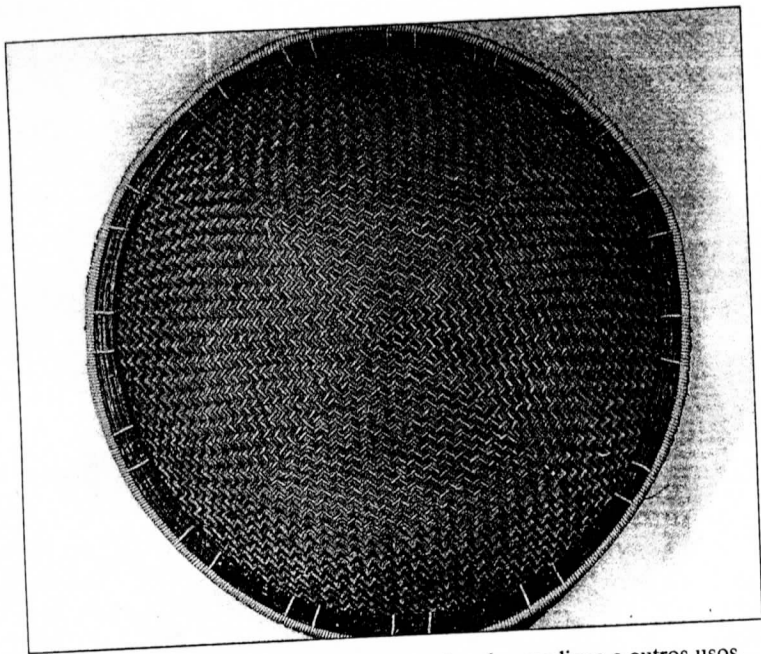
Denominação		Piracema	Caracterização dos peixes			
Vernacular/ científica	Indígena		De rio [r.]	Diurno [d.]	Regime alimentar	Habitat
	tukâno [t.] desâna [d.]		igarapé [i.] lago [l.]; praia [p.] ilha [il.]; igapó [ig.]	Noturno [n.]		fundo [f.] meio [m.] superf. [s.]
35. Matrinxã <i>Brycon breviceauda</i>	<i>mi'owi</i> [t.] e [d.]	com pacu no igapó do rio	[r.]	[d.]	frutívoro, insetívoro	[s.] peixe que pula
Sciaenidae 36. Pescada- branca <i>Plagioscion squamosissimus</i>	<i>ehtambum wi</i> [t.] e [d.] = quartzo, casa	?	[r.]	[d.] e [n.]	minhoca daracubi, camarão	[f.]
37. Pescada- branca <i>Plagioscion surinamensis</i>	<i>ehtambum wi</i> [t.] e [d.] = quartzo, casa	?	[r.]	[d.] e [n.]	idem, idem	[f.]
38. Corvina <i>Pachypops furcraeus</i>	idem, idem	?	[r.]	[d.] e [n.]	idem, idem	[f.]
Cichlidae 39. Acará-açaí <i>Cichlasoma temporale</i>	<i>kai periti</i> [t.] <i>wani kai gobe- rikë</i> [d.] = massa de umari	desova individual sobre folhas	[i.]	[d.]	minhocas, insetos que caem na água	[s.]

40. Acará-piranga <i>Cichlasoma severum</i>	<i>mimatë</i> [t.] <i>nimé soló</i> [d.] = veneno, panela	desova individual sobre galhos	[l.]	[d.]	camarão	[m.]
41. Tucunaré-açu <i>Cichla ocellaris</i>	<i>wamë'bu</i> [t.] <i>më'bu</i> [d.] = umari, tucunaré	idem, idem	[l.]	[d.]	ictiófago	[s.] peixe que pula
42. Tucunaré- pinima <i>Cichla temensis</i>	<i>semé bu</i> [t.] e [t.] = paca, tucunaré	põe ovos nos galhos; cuida dos alevinos; transporta-os na boca.	[l.], enseadas	[d.]	ictiófago camarão	[s.]
43. Acará <i>Aequidens duopunctatus</i>	<i>wa'ni</i> [t.] e [d.]	desova individual sobre folhas	[l.], enseadas	[d.]	ictiófago camarão	[s.]
44. Jacundá <i>Crenicichla johanna</i>	<i>mëhá wi</i> [t.] <i>mëhá diamë</i> [d.] = jacundá, vermelho	põe ovos nos troncos podres do rio	[r.], [l.], [i.]	[d.]	ictiófago camarão minhoca daracubi	[s.]
45. Jacundá <i>Crenicichla lugubris</i>	<i>puti më'há</i> [t.] <i>aunsun më'há</i> [d.] = massa de mandioca, jacundá	desova nos troncos po- dres do rio, lago, igarapé, onde estiver	[l.], [i.]	[d.]	ictiófago camarão	[s.] junto a troncos podres

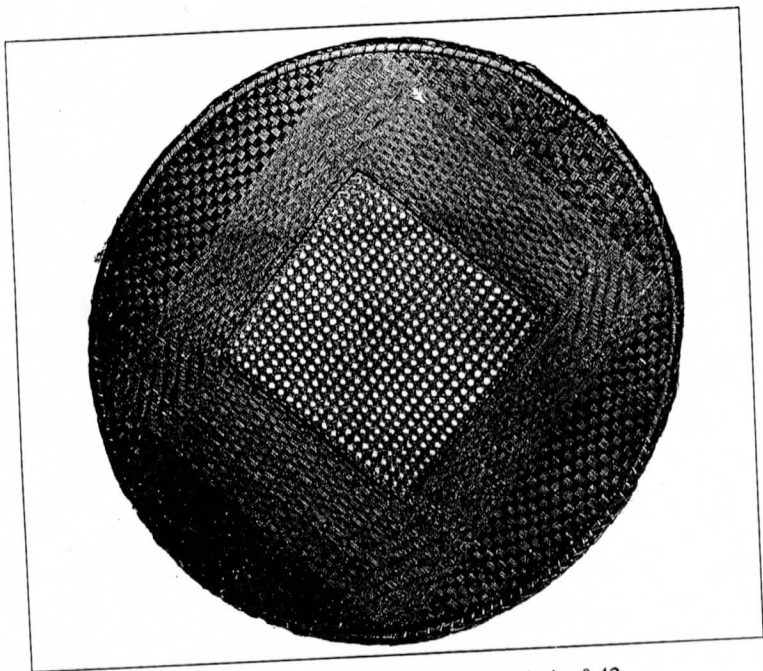
Denominação		Piracema				Caracterização dos peixes		
Vernacular/ científica	Indígena tukáno [t.] desána [d.]	De rio [r.] igarapé [i.] lago [l.]; praia [p.] ilha [il.]; igapó [ig.]	Diurno [d.] Noturno [n.]	Regime alimentar	Habitat fundo [f.] meio [m.] superf. [s.]			
46. Jacundá <i>Crenicichla strigata</i>	wái poná [t.] e [d.] = peixe, descendente wahapin kuero	idem, idem em cardumes	[d.]	idem, idem	nada na [s.], des- cansa [f.]			
47. Acaraíngá <i>Geophagus surinamensis</i>	[t.], wani bolero [d.] = remo rachado bêhpó [t.] buhpu [d.] = trovão	desova individual em praias e baiás dentro da baía	[d.]	folhas podres	[f.], mas na beira do rio [s.]			
48. Cará-bicudo <i>Geophagus jurupari</i>			[d.]	folhas podres, minhocas				
Doradidae 49. Bacu <i>Platydoras costatus</i>	uhutu [t.] u'lu [d.]	(nunca viu esses peixes desovarem)	[d.] e [n.]	paus podres, minhocas	[f.] dia, [s.] de noite [s.]			
50. Cuiú-cuiú <i>Pseudodoras niger</i>	diá bêhka [t.] diá mênga [d.]	idem, idem	[d.] e [n.]	idem, idem				

34. *Wahtínkeo* [t.]: tipiti nº 46, col. Uaupés.





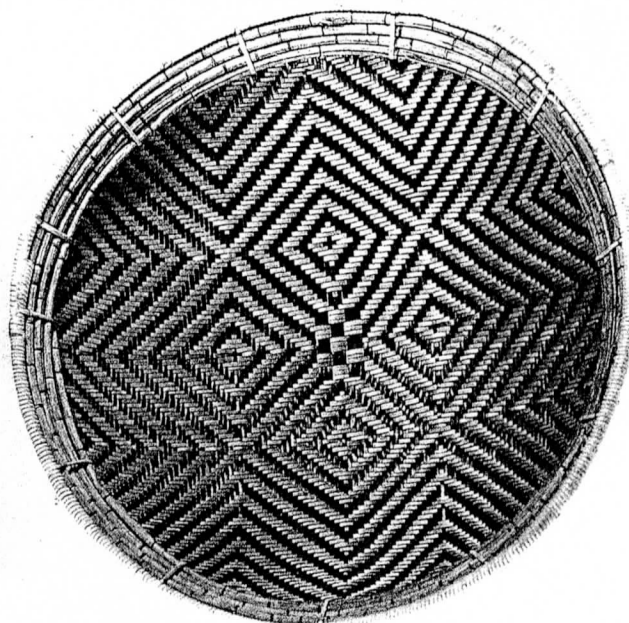
35. *Bahti* [t.]. Apá funda para guardar polpa de mandioca e outros usos.
Col. Museu Nacional, n.º 43, rio Aiari.



36. *Urupema (dupiti)* [d.]. Col. rio Aiari, n.º 42.

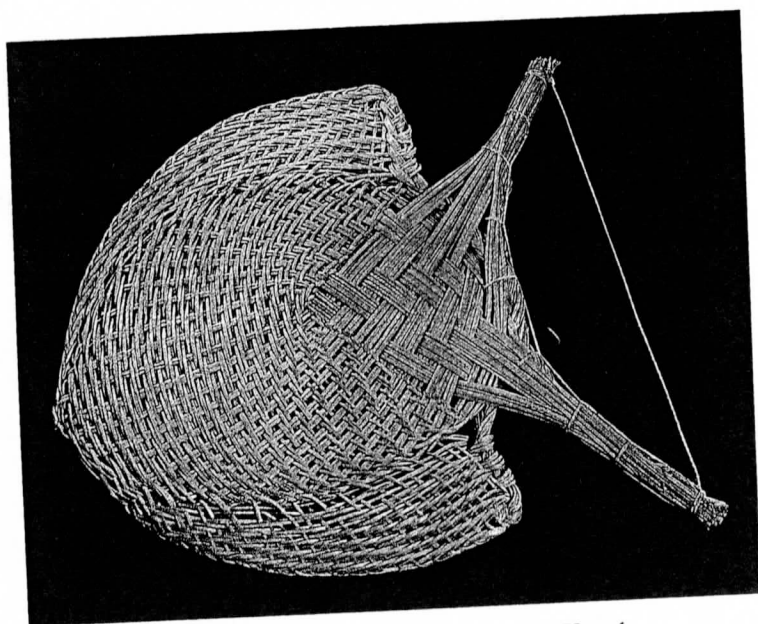


37. *Bahtiaka* [d.]. Apá pequena para colocar beiju.
Nº 2, col. rio Uaupés. Abaixo: a mesma peça vista do lado interno.





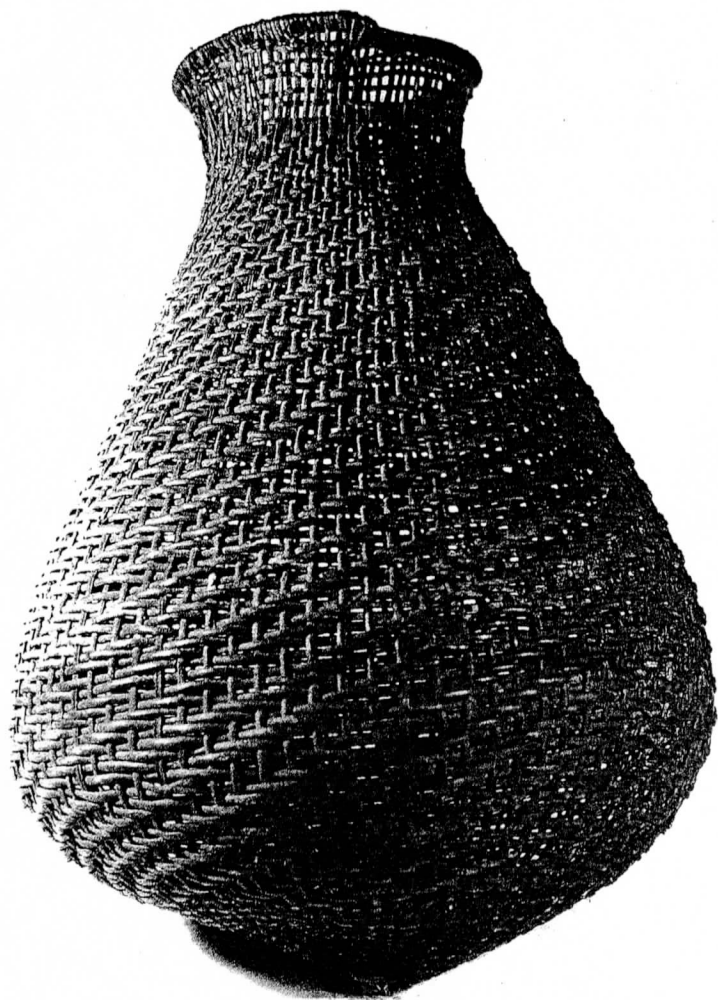
38. *Urutu* de uso doméstico, *kamawa* [b.]. Nº 40, col. rio Aiari.



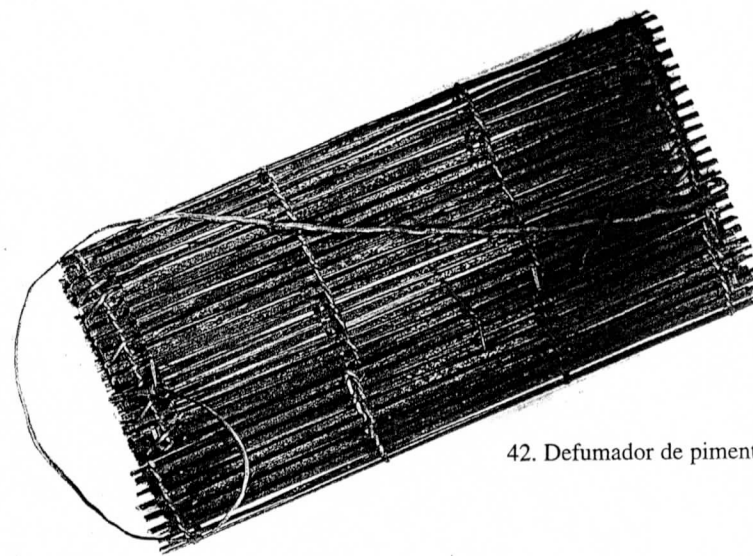
39. *Abano* (*wenino*). Nº 15, trançados, rio Uaupés.



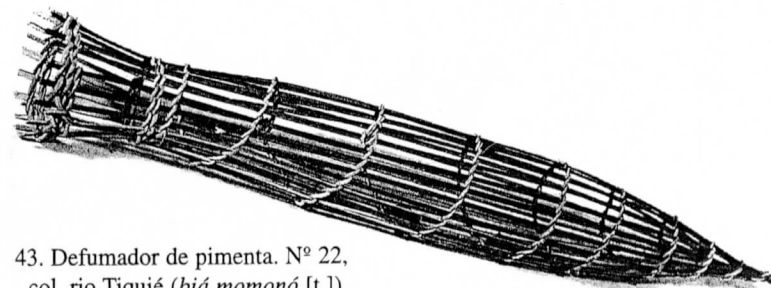
40. *Aturá* (*pii em makú*). Nº 16, col. rio Tiquié.



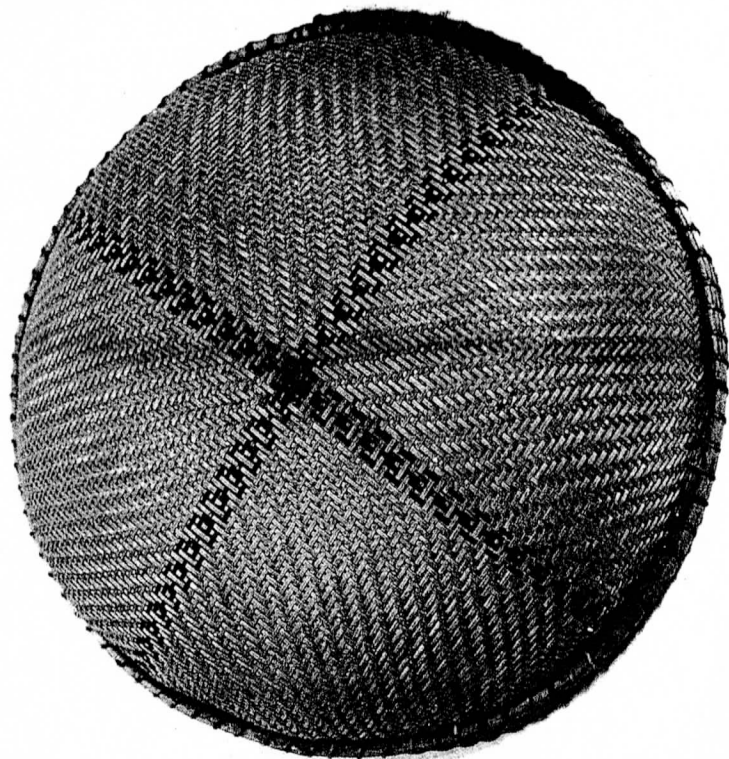
41. Cesto para armazenar. Col. nº 18, rio Uaupés.



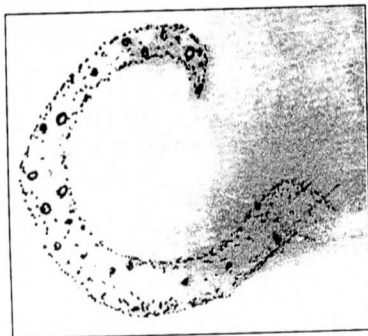
42. Defumador de pimenta.



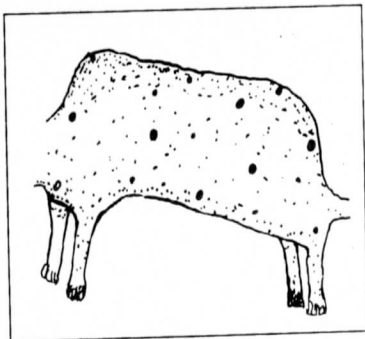
43. Defumador de pimenta. Nº 22,
col. rio Tiquié (*biá momonó* [t.]).



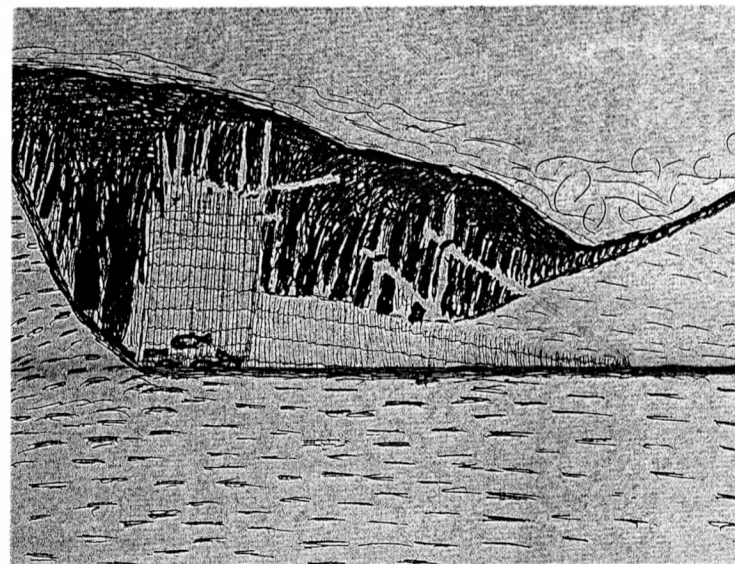
44. Coadeira para frutas (*pamu siowa* [t.]). Nº 7, col. rio Tiquié.



45. *Aña poleró berõ* [d.]: provavelmente cauda do Escorpião.



46. *Yé poleró berõ*: onça, rabo redondo.



47. Cacuri (*wairó* [d.]) colocado num promontório de terra, à beira-rio, com a abertura a favor da corrente.



48. *Eminó* [d.]: armadilha com isca de formiga torrada para atrair peixe mirim.



49. Jequi (ou matapi de funil interno) colocado onde o peixe desova.



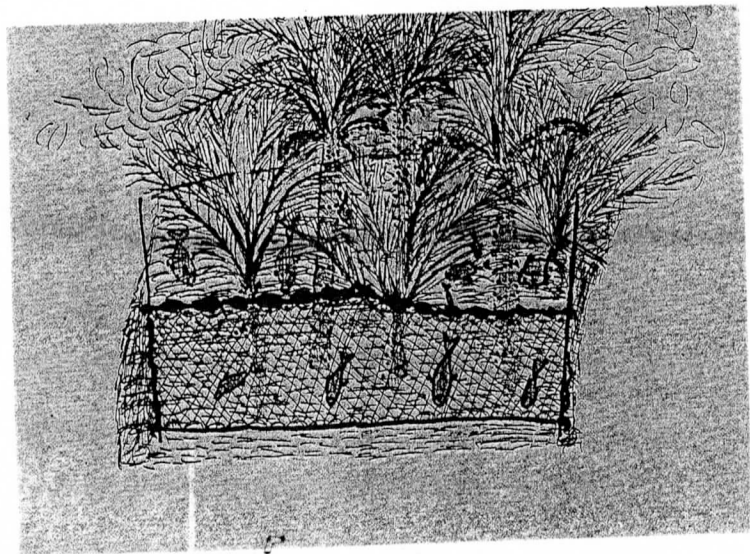
50. Caiá, rio Uaupés.



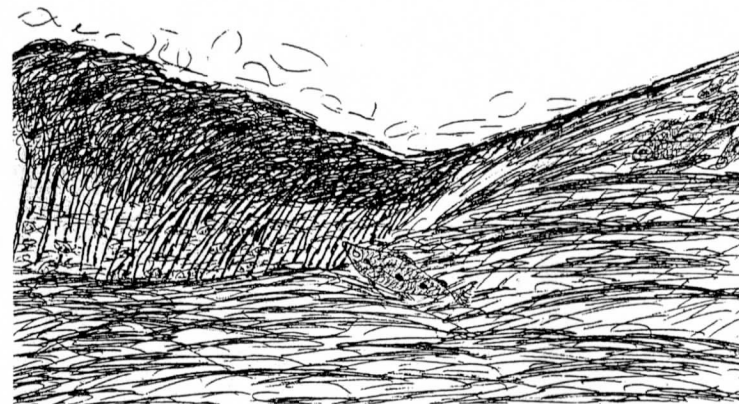
51. Desenho esquemático do caiá da cachoeira de Iauareté
feito por um aluno da Missão Salesiana.



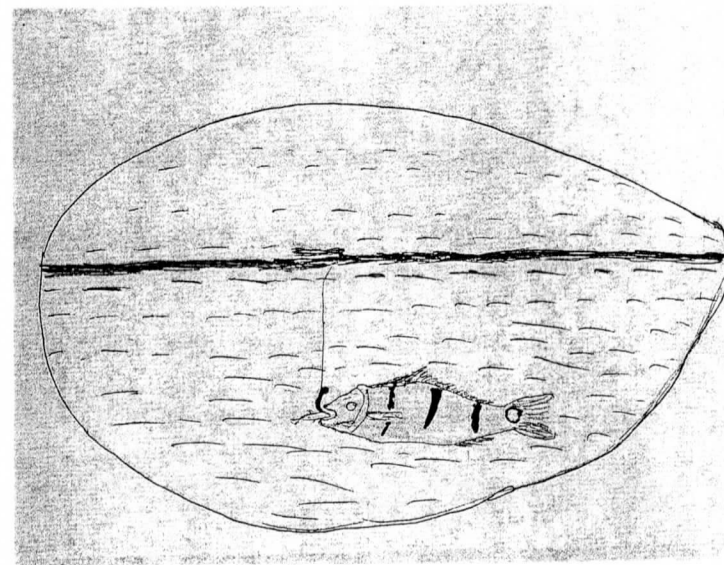
52. Matapi (*kasawë* [t.]) colocado com isca.



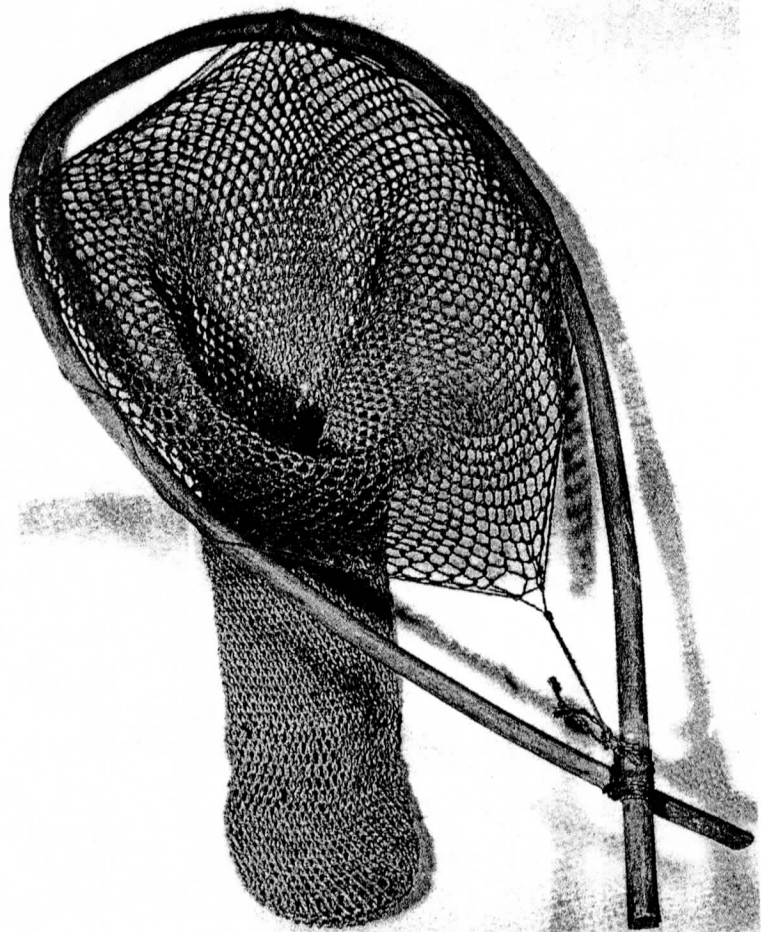
53. Jauarizal (*Astrocaryum jauary*) de beira-rio onde se coloca uma malhadeira para pegar os peixes que comem o fruto dessa palmeira.



54. Piracema de duas espécies de aracu.

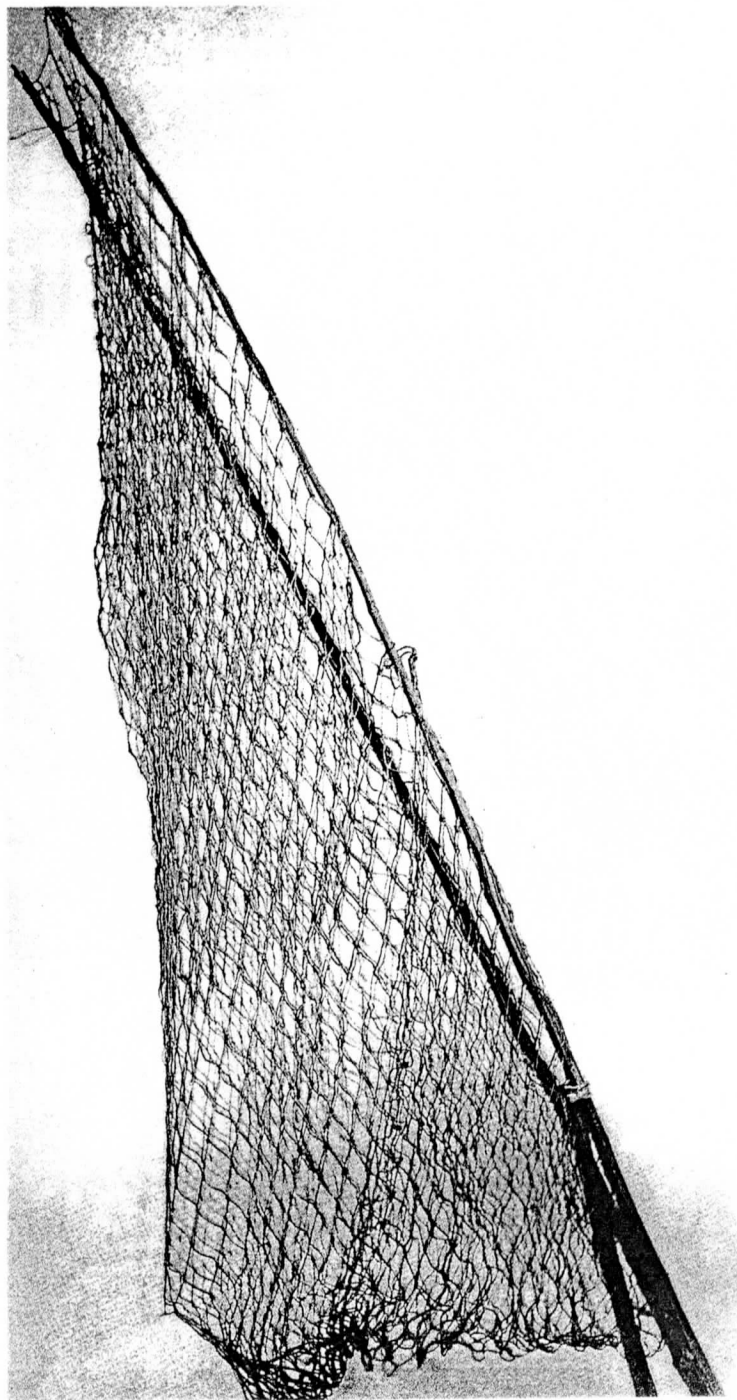


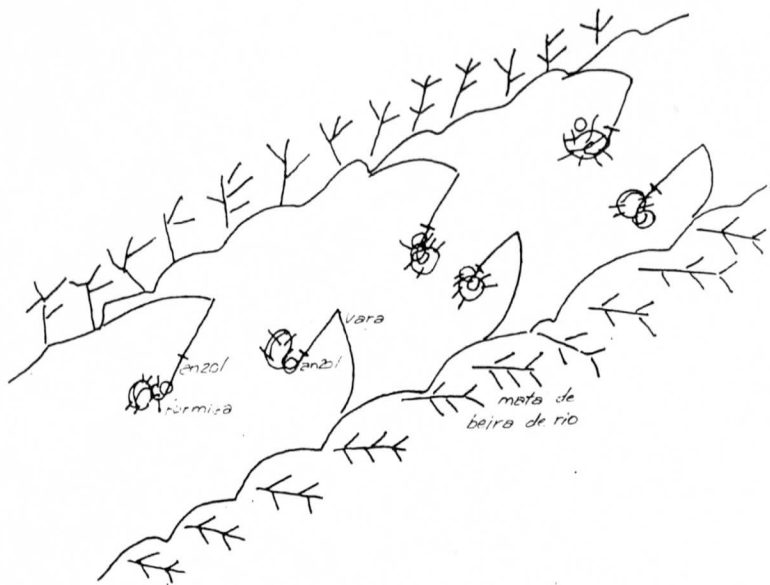
55. Pesca em lago ou bafa com isca de peixinho vivo. Principalmente para a captura de tucunaré.



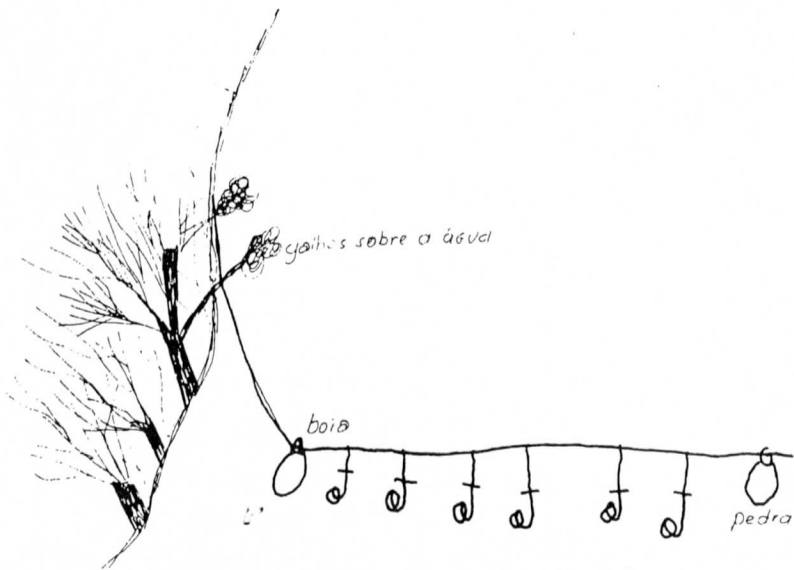
56. Puçá pequeno, *wehekë sutiró* [t.], rio Tiquié. Nº 14,
Museu Nacional, B. G. Ribeiro.

57. (ao lado) Puçá grande, *wehekë* [t.], rio Uaupés. Nº 57,
Museu Nacional.





58. Armadilha de pesca com anzóis: *huese poké* [t.].



59. Armadilha com anzóis: espinhel (*manduireka* [b.]).

51. Bacu <i>Pterodoras granulosus</i>	<i>wahsó petoro</i> [t.] <i>wahsun peró</i> [d.] = fruto de seringueira, casca	idem, idem	beira de rio; lagos no verão	[d.]	minhoca daracubi, insetos que caem na água	[f.]
52. Botinho <i>Hassar wilderi</i>	<i>diá bêhka</i> [t.]	idem, idem	[r.]	[n.]	paus podres, minhocas	[s.]
53. Botinho <i>Hassar</i> sp.	<i>diá mēnga</i> [d.] <i>cuiiu-cuiiu</i> [t.] e [d.]	idem, idem	[r.]	[n.]	idem, idem	[s.]
54. Mandi-serra <i>Leptodoras acipenserinus</i>	<i>diá bêhka</i> [t.] <i>diá mēnga</i> [d.]	idem, idem	[r.]	[d.] e [n.]	idem, idem	[s.]
55. Botinho <i>Doras</i> cf. <i>lipophthalmus</i>	<i>cuiiu-cuiiu</i> [t.] e [d.]	?	[r.]	[n.]	idem, idem	[s.]
56. Tamoatá <i>Hoplosternum thoracatum</i>	<i>bêhka wi</i> [t.] <i>mēngá sibá</i> [d.]	desova individual em cima das folhas	[i.]	[d.]	folhas podres, minhocas	[s.]
57. Acari-bodó <i>Pterygoplichthys</i> sp.	<i>ia'ká</i> [t.] e [d.]	põe ovos nos buracos de tabatinga nas encostas dos rios	[r.]	[d.]	pau podre e folha podre	[f.]
58. Acari <i>Pseudacanthicus spinosus</i>	<i>ia'ká</i> [t.] e [d.]	idem, idem	[r.]	[d.]	idem, idem	[f.]

Vernacular/ científica	Denominação	Indígena tukâno [t.] desâna [d.]	Piracema	Caracterização dos peixes		
				De rio [r.] igarapé [i.] lago [l.]; praia [p.] ilha [il.]; igapó [ig.]	Diurno [d.] Noturno [n.]	Regime alimentar
59. Acari-pirara <i>Pseudacanthicus</i> sp.	<i>ia'ká</i> [t.] e [d.]	?	vive junto às pedras da cachoeira beira de lago	[d.]	erva de caruru (?)	?
60. Acari-de- pedra <i>Panaque</i> <i>nigrolineatus</i>	<i>ia'ká pamu</i> [t.] e [d.] = acari, tatu	desova no oco de paus podres	idem, idem	[d.]	pau podre e folha podre	[f.]
61. Acari-de-pedra <i>Panaque</i> sp.	<i>ia'ká</i> [t.] e [d.]	idem, idem	idem, idem	[d.]	idem, idem	[f.]
62. Acari-de-raia <i>Hypostomus</i> cf. <i>emarginatus</i>	<i>ia'ká</i> [t.] e [d.]	idem, idem	idem, idem	[d.]	idem, idem	[f.]
63. Acari-bodó <i>Hypostomus</i> <i>plecostomus</i>	<i>ia'ká</i> [t.] e [d.]	idem, idem	idem, idem	[d.]	idem, idem	[f.]
64. Acari <i>Hemiancistrus</i> <i>niveatus</i>	<i>ia'ká</i> [t.] e [d.]	idem, idem	idem, idem	[d.]	idem, idem	[f.]

65. Acari <i>Hemiancistrus</i> sp.	<i>ia'ká</i> [t.] e [d.]	idem, idem	idem, idem	[d.]	idem, idem	[f.]
66. Jotoxi <i>Loricaria</i> sp.	<i>wi'i wahson</i> [t.] <i>papealo wahson</i> <i>mihi</i> [d.]	desova nos galhos e cipós na superfície da água	[r.], [i.]	[d.]	idem, idem	[f.]
67. Jotoxi <i>Pseudoloricaria</i> <i>punctata</i>	<i>di'i wahson pi</i> [t.] <i>mata wahson</i> <i>mihi</i> [d.]	desova em cima de folha	baía	[d.]	folha podre	[f.]
68. Jotoxi <i>Loricariichthys</i> <i>mudirostris</i>	<i>wi'i wahson pi</i> [t.] <i>mata wahson</i> <i>mihi</i> [d.]	põe ovo em cima de folha	baía	[d.]	idem, idem	[f.]
Hypophthalmidae						
69. Mandubé <i>Ageneiosus</i> <i>brevifilis</i>	<i>wái siporó</i> [t.] <i>wái supuru</i> [d.]	com o aracu <i>nihtin manikē</i> no estirão do rio	estirão do rio	[n.]	ictiófago, cama- rão, sarapó, minho- ca daracubi	[m.]
70. Ximbé <i>Ageneiosus</i> <i>dentatus</i>	<i>wai siporó</i> [t.] <i>wai supuru</i> [d.]	idem, idem	idem, idem	[n.]	idem, idem	[m.]
Pimelodidae						
71. Braço-de- moça <i>Surubim</i> <i>lima</i>	<i>oleró wahká</i> [t.] <i>wai pē wahká</i> [d.] = peixe, espinho	idem, idem	[r.]	[d.] e [n.]	idem, idem	[m.]

Denominação		Piracema		Caracterização dos peixes		
Vernacular/ científica	Indígena tukáno [t.] desâna [d.]		De rio [r.] igarapé [i.] lago [l.]; praia [p.] ilha [il.]; igapó [ig.]	Diurno [d.] Noturno [n.]	Regime alimentar	Habitat fundo [f.] meio [m.] superf. [s.]
72. Pirarara <i>Phractocephalus hemiliopterus</i>	<i>mahá wi</i> [t.] <i>mahá wi mē</i> [d.] = arara, casa <i>saí pohtá</i> [t.]	?	[r.]	[d.] e [n.]	ictiófago, caranguejo	[f.]
73. Jaú <i>Paulicea lutkeni</i>	<i>saí polalu</i> [d.] =?, espinho	com <i>wahpá</i> (10 cm compr.) na correnteza do igapó às 6 h da tarde	[r.]	[n.]	ictiófago, camarão, minhoca daracubi	[m.]
74. Piraíba <i>Brachyplatystoma filamentosum</i>	<i>mon</i> [t.] e [d.]	?	[r.]	[d.] e [n.]	ictiófago	[f.]
75. Surubim <i>Pseudo- platystoma fasciatum</i>	<i>oleró</i> [t.] <i>wái pē</i> [d.] = peixe, pai	com aracu <i>hihtin manikē</i> no estirão do rio	[r.]	[d.] e [n.]	ictiófago	[f.]
76. Mandi <i>Pimelodella cristata</i>	<i>bēhsē</i> [t.] <i>sikamē</i> [d.]	no <i>wahapulu</i> (amontoado de troncos) à beira-rio	[r.]	[d.] e [n.]	paus minhocas	[f.] podres,

77. Mandi <i>Pimelodus blochii</i>	<i>ihkin</i> [t.] <i>ñahkun tiamē</i> [d.]	idem, idem	[r.]	[d.] e [n.]	ictiófago, minhoca daracubi	[f.]
78. Pirá- tocandira <i>Platyne- matichthys notatus</i>	<i>mihpin puni wii</i> [t.], <i>mihin puni wi</i> [d.] = açai, folha, casa	?	[r.]	?	?	?
Auchenipteridae						
79. Mandi- peruano <i>Auchenipterus nuchalis</i>	<i>wái siporó pohtá</i> [t.] <i>wái siporó polá</i> [d.] = peixe, espinho	com aracu <i>nihtin manikē</i> no estirão do rio	[r.]	[d.]	ictiófago camarão, sa- rapó, minho- ca daracubi	[m.]
80. ? <i>Tocantinsia piresi</i>	<i>piró seró</i> [t.] <i>puni seró</i> [d.]	?	oco do pau à beira-rio ou no igapó	[n.]	carnívoro: minhocas, insetos	[s.] dorme no [f.]
81. Cachorro- do-padre <i>Parauchenipterus galeatus</i>	<i>piró seró</i> [t.] <i>puni seró</i> [d.]	?	idem, idem	?	idem, idem	[s.]

Apêndice 2: Peixes do rio Tiquié
sem identificação científica

Denominação	Piracema	Caracterização dos peixes				
		Vernacular/ científica	Indígena tukâno [t.] desâna [d.]	De rio [r.] igarapé [i.] lago [l.]; praia [p.] ilha [il.]; igapó [ig.]	Diurno [d.] Noturno [n.]	Regime alimentar
82. Aracu 30 cm compr.	<i>nihtin maniti</i> [t.] <i>nihtin manikë</i> [d.]	no meio do rio das 7 h às 11 h da noite	[r.]	[d.]	onívoro: carne, daracubi, frutas onívoro	[f.]
83. Aracu 30 cm	<i>wái ietë</i> [t.] e ou <i>ki kahseri wái</i> [t.] <i>wái ierinë</i> [d.] = peixe listado e ou casca de mandioca, peixe	no estirão do rio. Indício: barulho do cardume	[r.]	[d.]		[f.]
84. Aracu 10 cm	<i>boté pé</i> [t.] <i>boleka yé</i> [d.] = aracu, curtinho	?	[r.], [i.]	[d.]	onívoro: fruta do japurá onívoro	[f.]
85. Aracu 15 cm	<i>betó ñahken turu</i> [t.] <i>boleka ñahkin</i> <i>tulúm</i> [d.] = aracu, miçanga, redonda	?	[r.], [i.]	[d.]		[f.]
86. Pirandira 30 a 50 cm	<i>iehé hum</i> [t.] <i>iehoá mân</i> [d.]	no <i>wahapulu</i> (mata fechada à beira-rio) junto com aracu <i>nihtin erikë</i>	[r.] e gran- des lagos do baixo Tiquié	[n.]	ictiófago	[m.]
87. Pirapucu 15 cm compr.	<i>ñohson wi</i> [t.] <i>ñahsin wi</i> [d.] = ave tucano, casa	no jauarizal da baía	[l.], baía	[d.]	ictiófago	[s.], peixe que pula
88. Sardinha 7 cm compr.	<i>modh'stike</i> [t.] <i>amani'silirigi</i> [d.] = cheiro desagradável	no meio do rio com aracu <i>nihtin</i> <i>ierikë</i>	[r.]	[d.]	folha verde, flor, folha podre, caba, mosquitos	à noite dormem espalha- dos nos ga- lhos; de dia se juntam cardumes
89. Piranha 10 cm compr.	<i>punli marabë</i> [t.] <i>pumara muñó</i> [d.] =?, piranha	põe ovos nas raízes de árvores	[r.], [i.]	[d.] e à [n.] com lunar	ictiófago, fruta <i>toló</i> [d.]	[m.] e [f.] (de noite dorme na praia)
90. Piranha	<i>ahun bë</i> [t.] <i>alun muñu</i> [d.] = beiju, piranha	desova em cima do cipó (em cardume)	[r.], [i.], [l.]	[d.] e [n.] noite de lunar	ictiófago	[m.]
91. Mandi 10 cm compr.	<i>ihki'un</i> [t.] <i>ñahkuntia më</i> [d.]	na corrente- za estreita do igapó	[r.], [ig.]	[d.]	minhoca da- racubi, pei- xe, camarão	[f.]

Denominação		Piracema		Caracterização dos peixes		
Vernacular/ científica	Indígena tukâno [t.] desâna [d.]		De rio [r.] igarapé [i.] lago [l.]; praia [p.] ilha [il.]; igapó [ig.]	Diurno [d.] Noturno [n.]	Regime alimentar	Habitat fundo [f.] meio [m.] superf. [s.]
92. Piabinha 10 cm	<i>meni peri hē</i> [t.] ? <i>me'reieri iohamān</i> [d.] = ingá, caroço, piaba	?	[r.], [i.], mas principalmente de lago	[d.]	insetos que caem na água (cupim, caba), minhoca e camarão	[f.], em cardume
93. Sarapó (17 cm) peixinho-isca para mandubé	<i>dihké</i> [t.] ? <i>dihki</i> [d.]	?	[i.]	[d.]	insetos, minhoca, folha podre	[s.]
94. Traíra (10 cm)	<i>doé piñó</i> [t.] e [d.] = traíra, pedacinho	desova em folhas de- baixo das raízes ?	[l.] e [i.]	[d.]	insetos, gafanhotos, minhocas	[f.], peixe que pula [s.]
95. Camarão isca de man- dubé 2 cm	<i>dahsiá</i> [t.] <i>nahsin'ká</i> [d.]	?	[i.]	[d.]	insetos, minhoca, caba, cupim, folha podre	[f.], peixe que pula [s.]
96.? 20 cm compr.	<i>bupí</i> [t.] e [d.]	junto com aracu <i>nihtin</i> <i>ierikē</i> no es- tirão do rio e no igapó	[r.], [i.], [l.]	[d.]	folha verde, flor, folha podre, caba, mosquitos	[f.], (car- dumes de 10 a 15 peixes)
97.? parece sardinha 10 cm compr.	<i>búhtu'wé</i> [t.] <i>buruê</i> [d.]	na entrada de baías e lagos	[l.], baías	[d.]	folha podre, daracubi, outras minhocas	[f.] (con- vivem em cardumes)
98.? idem 10 cm comp.	<i>ahkoanā</i> [t.] <i>go'ngoamā</i> [d.]	idem, idem	idem, idem	[d.]	folha podre, areia; não pode ser pego com isca	[f.]
99.?	<i>iohān</i> [t.]	na desembocadura [i.]		[d.] e [n.]	insetos que caem na água, cabas	[s.]
100.? chatinho e redondo como piranha	<i>sioha'mē</i> [d.] <i>wahpá</i> [t.] e [d.]	do igarapé às 6 h da tarde na correnteza do igapó, juntamente com o jáu (ver nº 73)	[r.], [l.]	[d.]	idem, idem	[s.], em cardume
101.? (10 cm)	<i>ichān</i> [t.] <i>icha mē</i> [d.]	na desembo- cadura do igarapezinho	[i.]	[d.]	gafanhoto, caba e insetos que caem na água	[m.] e [s.], em cardu- me de 3 a 5 peixinhos [f.]
102.? (10 cm)	<i>wái u'ni</i> [t.] <i>wái io'muí</i> [d.]	em igapó e cachoeira	[r.]	[d.]	minhoca, japurá do igapó	[f.]
103.? (12 cm)	<i>kiwei</i> [t.] <i>kiwei'mé</i> [d.] = mandioca, peixe	?	[r.], [l.]	[d.]	idem, idem	[s.], [m.] [f.], em cardumes
104.? (10 cm)	<i>seá pahkā</i> [t.] <i>seá para- mān</i> [d.]	à noite junto com o peixinho <i>weré</i> <i>mān</i> [d.] (nº 109)	[r.]	[d.]	caba, gafanhoto, minhoca daracubi	[m.]

Denominação		Piracema	Caracterização dos peixes			
Vernacular/ científica	Indígena tukâno [t.] desâna [d.]		De rio [r.] igarapé [i.] lago [l.]; praia [p.] ilha [il.]; igapó [ig.]	Diurno [d.] Noturno [n.]	Regime alimentar	Habitat fundo [f.] meio [m.] superf. [s.]
105.?	<i>seró siti</i> [t.]	?	[r.]	[d.]	minhoca,	[f.]
(tamanho médio)	<i>diá mêngá</i> [d.]				folha podre, areia	
106.?	<i>bihpani</i> [t.]	no igapó	[r., [l.]	[d.]	insetos,	[s.]
(20 cm)	<i>bihpa- liamân</i> [d.]	junto com o aracu <i>boleka nihtin ierikë</i> [d.]			minhoca, caba, cupim, folha podre	
107.?	<i>pôn'ro</i> [t.] e [d.]	?	[r., [i., baía	[d.]	idem, idem	[s.]
(12 cm)						
108.?	<i>bêhsa</i> [t.]	com aracu	[r., [i.]'	[d.]	idem, idem	[f.], em
(7 cm)	<i>siká</i> [d.]	<i>boleka nihtin ierikë</i> [d.]				cardume
109.?	<i>wére'n</i> [t.]	à beira-rio	[i.]	[d.]	idem, idem	[m.] e [s.]
(10 cm)	<i>weré mân</i> [d.]	junto com <i>seá paramân</i> [d.] (nº 104)				